

☐ MONO
☐ STEREO
☐ NR

AS EXTRAORDINÁRIAS
DESILUSÕES DE

☐ SP
☐ LP
☐ EP

LEOPOLD
BERRY



UM

Há muito que Leopold Berry tentava ignorar o guaxinim na árvore, lá fora, mas, como tantas outras coisas na sua vida, isso parecia impossível. O guaxinim estava pendurado num ramo que se alinhava perfeitamente com a cabeça do homem que Leopold devia estar a ouvir — o homem que acabara de lhe fazer uma pergunta e a que ele não prestara qualquer atenção. Até parecia que o guaxinim estava a tentar distraí-lo de propósito. O bicho quase caíra da árvore um par de vezes, mas logo voltara ao ramo, depois de se balançar muito, fincando as garras no tronco. Agora mesmo, a sua cauda incendiara-se.

A coisa mais normal a fazer, pensou Leopold, seria avisar tanto o pai como o entrevistador, apontando para o animal-em-chamas, o que explicaria a sua desatenção nos últimos minutos. Não o fez, obviamente, porque na verdade a cauda do guaxinim não estava a arder. Aliás, o guaxinim nem sequer estava ali.

Este tipo de coisas aconteciam a Leopold, às vezes.

Aos 12 anos, um psiquiatra explicara que ele tinha uma imaginação hiperativa — ou seja, era capaz de ver coisas estranhas e impossíveis nos momentos em que mais desejava escapar à sua vida. Em tempos, estes episódios dissociativos estavam sempre a acontecer-lhe, mas o último ocorrera há vários anos. Foi então que, uma semana antes, Leopold vira uma única e pequena nuvem, carregada de chuva, a perseguir um desesperado vendedor de fruta, ao longo de um passeio, em Hollywood. Na semana anterior a essa, pela janela

do carro, parado num engarrafamento, observou um homem a arrancar um dente da boca e a enfiá-lo num parquímetro, o que logo abriu uma fissura no pavimento. Enquanto espreitava furtivamente para trás das costas, o homem saltou para a cavidade, desaparecendo mesmo antes de ela se fechar sobre a sua cabeça. Mas estes episódios tinham sido breves, e, de cada vez, Leopold assegurara-se de que não havia razões para se preocupar. Quem é que nunca fantasiou ocasionalmente, preso no trânsito?

Mas agora vira o guaxinim.

Este episódio durara mais do que os outros, tanto o do homem do dente como o do vendedor de fruta, o que era desconcertante e, nesta circunstância em concreto, muitíssimo inconveniente. Ele só queria que o guaxinim, que na verdade nem sequer estava ali, desaparecesse de uma vez por todas.

E então, com um menear brusco da sua cauda em chamas, ele desapareceu mesmo.

A conversa não estava a correr bem, mesmo antes do incidente com o guaxinim. Leopold não tentava propositadamente frustrar o entrevistador, um homem mais velho e condescendente, envergando roupas de golfe, que começara por sorrir mas, agora, tinha cara de quem preferia estar, também ele, noutro sítio qualquer. Muito menos queria irritar Richter, o seu pai alto e encorpado, que estava a ficar cada vez mais apoplético na cadeira, mesmo ao lado de Leopold. Ele esforçava-se o mais que podia, nem que fosse para acalmar Richter, mas não conseguia concentrar-se. O fato cinzento que fora obrigado a vestir estava largo nalguns sítios e apertado noutros. Tinha a certeza de que a palidez da sua pele fora substituída por um intenso rubor. Esquecera-se das respostas combinadas que o seu pai o encorajara a memorizar, e aquelas de que se recordava soavam forçadas. E agora deixara que se escoassem seis segundos de dilacerante silêncio, enquanto contemplava, pela janela, um guaxinim inexistente.

Leopold voltou a dirigir o olhar para o homem sentado à secretária.

«Desculpe, qual era a pergunta?»

Houve um chiar de couro rígido quando o pai de Leopold fincou os dedos nos braços da cadeira. «O Larry está apenas cansado», disse, exibindo os seus dentes excessivamente brancos. «O pobrezinho estava tão entusiasmado com este encontro que quase não dormiu nada esta noite.»

Larry era um diminutivo que haviam dado a Leopold na infância e de que nunca se conseguira livrar. *Larry Berry*: soava a rima foleira. A única pessoa que o tratava pelo seu verdadeiro nome, Leopold, tinha sido a mãe, e porque parecia deslocado na boca de qualquer outra pessoa, resignara-se a ser o Larry, um nome que o fazia encolher de vergonha sempre que era dito em voz alta.

O homem olhou para o relógio. Uma guitarra elétrica, assinada pelos membros de uma banda famosa, era exibida com orgulho na parede. «Não precisas de ficar nervoso, Larry. Estamos só a ter uma conversa amigável.» Sorriu de maneira a deixar Leopold à vontade. «Perguntei-te qual achas que é a tua maior força. Em que é que achas que te destacas, ou és melhor?»

Leopold pigarreou. Sentia o olhar do pai fixado nele.

«Bem, hmmm, acho que...»

Tentou puxar por uma das respostas que ensaiara, qualquer coisa sobre liderança e capacidade de resolver problemas.

«... não sei lá muito bem.»

«Na minha opinião, Mick», interrompeu o pai, «o problema do Larry é o facto de ter demasiados pontos fortes. O que torna difícil decidir-se quanto à questão de onde focar a sua energia. É uma maldição da nossa família!» Riu-se como um motor engasgado.

O homem riu-se também, educadamente. «Então vou facilitar as coisas. E se me desses as tuas três principais forças?»

Leopold sentiu uma branca. Viu alguma coisa a agitar-se no meio dos ramos da árvore, lá fora, mas obrigou-se a ignorar esse movimento. Começou a sentir comichões na palma das mãos.

«*Larry*», sussurrou o pai. «Não precisas de ser modesto.»

«Não estou a ser.» Leopold mexeu-se na cadeira. «É só que... não sou o melhor em nada.»

O pai fez um ruído abafado.

«Ora bem, não me parece que isso seja verdade», disse o entrevistador.

Mas era verdade para ele. Era a coisa mais sincera que Leopold havia dito em muito tempo. Só era excelente em coisas menores que o pai considerava categoricamente inúteis: trabalhar no seu velho carro, fazer reparações recorrendo a pequenos objetos elétricos, e realizar filmes caseiros inspirados no mundo de uma certa série televisiva de fantasia, que saíra do ar ainda antes de ele nascer. Sentia vergonha destes talentos pouco impressionantes, por isso nunca os mencionava.

O homem piscou-lhe um olho. «Não te preocupes. Eu sou bom a descobrir talentos escondidos.»

«Espero bem que sim», murmurou o pai de Larry.

Na opinião de Richter Berry, havia dois tipos de pessoas no mundo: os vencedores e os vencidos. Andou à volta do conceito no seu primeiro livro, *Pensar como Um Vencedor*, cuja publicação lhe valeu uma carreira como orientador para o sucesso, uma profissão ideal para ele porque envolvia, essencialmente, gritar muito com as pessoas. Desde que o fizesse com um sorriso, um número chocante de pessoas aparentemente bem resolvidas permitiam que Richter Berry as criticasse, humilhasse e menosprezasse, tudo em nome do autoaperfeiçoamento. Auditórios cheios de seguidores, dispostos a pagar pelo privilégio.

Richter tinha muito orgulho em si mesmo, e nos seus dois enteados, Hal e Drake. Hal, capitão da equipa de luta livre do seu liceu, e Drake, a começar o segundo ano na USC, uma escola de administração de empresas, estavam a revelar-se perfeitos na forma como encaixavam no molde do padrasto. Mas Richter preocupava-se — há vários anos — com o facto de o seu filho biológico, um rapaz magricela, sonhador e distraído, sem um talento discernível, ou um interesse em algo de prático, estar a tornar-se... o *contrário* de um vencedor.

Mas Richter não era de desistir.

Não tolerava um falhanço na família; isso simplesmente não podia acontecer. Oferecera ao filho várias opções perfeitamente boas

para uma futura carreira: Larry poderia ir para uma escola de Direito e tornar-se advogado (de preferência, corporativo); ir para uma escola de gestão e aspirar a um lugar à mesa em conselhos de administração (de empresas listadas na Fortune 500, caso contrário nem valeria a pena); ou seguir um curso de finanças que o levasse para a área do capital privado e da banca de investimentos (idealmente, na Goldman, embora o rapaz fosse péssimo com números, pelo que esta parecia a menos provável das três opções). Bastava a Larry escolher uma das hipóteses, e receberia logo, como por magia, a inestimável bênção do apoio paterno. Richter, filho de um criador de porcos, crescera numa cidade miserável do Midwest, subira a pulso na vida e teria dado tudo por uma oportunidade assim, aos 17 anos. Mas o rapaz era como um gato: estranho, preguiçoso e quase impossível de treinar. A mãe fora demasiado branda com ele, por isso agora, para compensar, Richter via-se obrigado a ser duro; Larry já mostrara à saciedade que nunca seria exigente consigo mesmo, e que, se lhe dessem essa abébia, passaria o resto da vida com a cabeça nas nuvens e sem alcançar absolutamente nada. Por isso quando, depois de inúmeros respostas e chamadas de atenção, Larry continuava sem escolher o caminho a seguir, Richter requisitara os serviços (caríssimos) do melhor orientador de candidaturas a universidades privadas de Los Angeles, um homem que milagrosamente conseguira o acesso a Harvard de alunos medianos, e sem credenciais herdadas, e a Stanford de autênticos delinquentes, criados em famílias de estatuto nulo. Era incrível que ele tivesse sequer arranjado tempo, na sua agenda apertada, para os receber. E agora, provavelmente só para o contrariar, o seu filho estava a fazer com que uma oportunidade de ouro fosse por água abaixo.

«Então e o teste vocacional?», perguntou Richter.

O sorriso à prova de bala do entrevistador vacilou. «Infelizmente, não serviu de muito.»

O guaxinim regressara ao seu ramo, com uma pata estendida para o céu, muito concentrado a lambar as suas partes íntimas.

«Os resultados do Larry foram um pouco... inconclusivos. As notas escolares não revelam qualquer aptidão especial para seguir

uma via em vez de outra, embora isso seja relativamente comum. Quanto ao teste, o Larry obteve um resultado perfeitamente médio em todos os indicadores.» Havia quase admiração na sua voz. «Nunca tinha visto uma coisa assim.»

«O que está a dizer», bufou o pai de Leopold, «é que ele é perfeitamente mediano.»

O orientador hesitou. «Acho que resultados como estes revelam as limitações do teste, e não do seu filho. É exatamente por isso que chamamos os nossos potenciais clientes para estes breves encontros cara a cara.» A palavra *potenciais* parecia ter ficado a pairar, no meio deles. «Eu posso ajudar-te, Larry. Mas primeiro tens de ser sincero comigo.»

Pára de me chamar Larry, pensou Leopold.

O orientador juntou os dedos por baixo do queixo. «Vamos pôr de lado as universidades e as carreiras por um momento. A questão mais importante é esta: de que é que tu gostas? Qual é a tua paixão?»

Leopold sentiu o impulso de lhe dar a resposta ensaiada, mas houve um cuidado, uma atenção, no olhar daquele homem que o apanharam desprevenido. Ele parecia estar verdadeiramente a ouvir. Leopold não se lembrava da última vez que pudera dizer isso de um adulto. E por isso sentiu-se compelido a fazer algo que quase nunca fazia diante do pai: dizer algo de verdadeiro.

«Então é assim: acho que talvez consiga ser bom a editar filmes», arriscou Leopold. Não teve propriamente coragem para dizer *realizar* filmes. Editor cinematográfico soava a uma perspetiva de carreira mais exequível, mas ainda assim respeitável.

O homem inclinou-se para a frente, abanando ligeiramente a cabeça.

«Estava a pensar, talvez, numa... escola de cinema.»

O pai agitou-se, mão no ar. «Quatro anos a não fazer nada de útil.»

«Na verdade, pode ser a solução perfeita», disse o orientador. «Com isto já consigo trabalhar.»

Leopold sentiu uma pequena esperança a acender-se no peito. Como se talvez toda a sua vida estivesse prestes a mudar, e se abrisse de repente uma porta de cuja existência ele nunca soubera. E en-

tão o homem disse, «Devias pensar no direito aplicado ao entretenimento. Alguns dos advogados mais bem pagos que eu conheço trabalham para os estúdios de cinema», e quando começou a descrever a enorme mansão em Malibu de um desses advogados, um zumbido intenso fez-se ouvir na cabeça de Leopold, e ele viu algo do outro lado da janela que já não podia ignorar: o guaxinim, agora completamente envolto em labaredas e saltando de ramo em ramo, pegara fogo ao resto da árvore. À medida que o incêndio se espalhava rapidamente pela copa, um bando de pequenos pássaros, também eles em chamas, saíram a voar de entre as folhas e espalharam-se por todo o lado.

Leopold ficou hirto, contendo uma súbita necessidade de dar largas ao pânico. Não por causa do incêndio na árvore — ele sabia que não estava mesmo a arder — mas porque não havia, agora, forma de negá-lo.

Está a acontecer outra vez, pensou.

Ele voltara a Espreitar para Sunder.